FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

Dossiê Temático: Educação Inclusiva: Práticas, Políticas e Tecnologias para a Equidade Educacional

O QUE É INCLUSÃO ESCOLAR? NARRATIVAS PECHAKUCHA DE LICENCIANDOS EM MATEMÁTICA EM EPISÓDIO FORMATIVO

WHAT IS SCHOOL INCLUSION? PECHAKUCHA NARRATIVES BY PRESERVICE MATHEMATICS TEACHERS IN A FORMATIVE EPISODE

Rodiney Marcelo Braga dos Santos [1]

Tatiana Cristina Vasconcelos [2]

Resumo: A inclusão escolar constitui um campo de disputas sobre o reconhecimento das diferenças e as condições de participação e aprendizagem. Este artigo objetiva analisar os sentidos de inclusão escolar mobilizados em narrativas PechaKucha de licenciandos em Matemática, considerando permanências e possíveis deslocamentos nas concepções históricas da deficiência. Desenvolveu-se um estudo qualitativo, documental e interpretativo, a partir do mapeamento de dez produções coletivas elaboradas por 28 licenciandos em um episódio formativo realizado em 2023, retomado da pesquisa de Santos (2024). A análise organizou-se em dois eixos: permanências e deslocamentos nas narrativas históricas; e sentidos e tensões sobre o ato de incluir. Os resultados evidenciam a mobilização de filmes, séries, histórias em quadrinhos, imagens históricas e marcos legais para problematizar exclusão, segregação, integração, normalização, direitos e pertencimento. As produções suscitam tensões entre presença e participação e entre adaptação individual e transformação das condições escolares. Conclui-se que as PechaKuchas constituem material relevante para a problematização coletiva das representações da deficiência na formação docente, sem permitir, nesta etapa documental, afirmar mudanças individuais de concepção.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Formação inicial de professores. Educação Matemática. PechaKucha. Diferença.

Abstract: School inclusion constitutes a field of contestation concerning the recognition of differences and the conditions for participation and learning. This article aims to analyze the meanings of school inclusion conveyed in PechaKucha narratives produced by undergraduate Mathematics teacher education students, considering continuities and potential shifts in historical conceptions of disability. A qualitative, documentary, and interpretive study was conducted through the mapping of ten collaborative productions developed by 28 preservice Mathematics teachers during a teacher education activity held in 2023, drawing on the research conducted by Santos (2024). The analysis was organized around two thematic axes: continuities and shifts in historical narratives; and meanings and tensions surrounding the act of inclusion. The findings reveal the use of films, television series, comic books, historical images,

[1] Doutor em Rede Bionorte. Docente do IFPB. E-mail para contato: rodiney.santos@ifpb.edu.br

[2] Doutora em Educação. Docente UEPB. E-mail para contato: tatianavasconcelos@servidor.uepb.edu.br

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

and legal frameworks to problematize exclusion, segregation, integration, normalization, rights, and belonging. The productions highlight tensions between presence and participation, as well as between individual accommodation and the transformation of school conditions. It is concluded that PechaKucha presentations constitute valuable material for collectively problematizing representations of disability in teacher education, although the documentary nature of this stage of the research does not allow conclusions to be drawn about individual changes in conceptions.

Keywords: School inclusion. Initial teacher education. Mathematics education. PechaKucha. Difference.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é uma conquista dos movimentos sociais e um campo de disputas sobre aprendizagem, participação e pertencimento. O reconhecimento normativo do direito à educação, expresso tanto na Constituição (Brasil, 1988) quanto na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015), amplia responsabilidades institucionais, mas não elimina, por si só, as barreiras que atravessam o currículo, as relações e as práticas pedagógicas. Entre o princípio de uma escola para todos e sua concretização, persistem tensões sobre a diferença e os padrões de normalidade que orientam a escolarização.

Essa problemática exige repensar o significado de incluir. Para Skliar (2003a; 2003b), a diferença interpela os modos como a escola compreende o outro e estabelece condições de participação. Assim, acolher e respeitar exige também transformar práticas e estruturas escolares. Nessa perspectiva, a trajetória entre exclusão, segregação, integração e inclusão deve ser compreendida em suas rupturas e permanências, reconhecendo que os avanços legais não eliminaram as práticas excludentes.

Na formação inicial de professores, essas contradições ganham especial relevância porque as concepções sobre deficiência, aprendizagem e diferença participam da constituição das futuras decisões pedagógicas. Em estudo sobre um componente de Educação Inclusiva em Licenciatura em Matemática, Lima, Lima e Silva (2024) discutem a contribuição de experiências curriculares específicas para a aprendizagem docente. Pin, Schrenk e Vertuan (2024), ao examinarem relatos de licenciandos sobre aulas da Educação Básica, evidenciam a importância de observar

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

as interações e as condições efetivas de participação em situações concretas de ensino. Tais investigações reforçam a pertinência de uma formação que interrogue representações e práticas, em vez de circunscrever a inclusão ao domínio de recursos ou técnicas.

A discussão é necessária na Educação Matemática, pois a valorização de ritmos, procedimentos e formas padronizadas de demonstrar conhecimentos pode criar fronteiras entre os estudantes. Ferreira e Rosa (2024) discutem a diferença como dimensão das práticas inclusivas, enquanto Luz e Sardagna (2025) problematizam a formação docente diante das exigências da inclusão. Esses estudos orientam a análise dos sentidos atribuídos pelos futuros professores à escola inclusiva.

Os licenciandos são compreendidos como sujeitos que interpretam e produzem narrativas sobre a educação. Nesse contexto, a PechaKucha articula fala, escrita e imagens, permitindo observar essas escolhas. Assim, dialogamos com Beltrán-Palanques e Querol-Julián (2024) que analisam as relações entre recursos semióticos e organização discursiva, e com Vasconcelos, Santos e Santos (2023) que destacam o potencial dialógico e formativo do gênero no ensino superior.

Nesta investigação, a relevância do material está nas possibilidades de compreender como se constroem sentidos sobre a inclusão escolar. Retomamos um recorte da pesquisa de Santos (2024), realizada em 2023 com licenciandos em Matemática de um instituto federal. No Episódio Formativo I, 28 estudantes, organizados em dez grupos, produziram apresentações PechaKucha sobre exclusão, segregação, integração e inclusão. Compreendidas como narrativas coletivas, essas produções permitem analisar representações da deficiência, modos de nomear a diferença e responsabilidades atribuídas à escola, sem associá-las diretamente às concepções individuais dos participantes.

Diante desse contexto, questionamos: que sentidos de inclusão escolar são produzidos nas narrativas PechaKucha elaboradas por licenciandos em Matemática e de que modo tais narrativas expressam permanências e deslocamentos nas concepções históricas da deficiência, da diferença e das relações entre inclusão e exclusão escolar? O objetivo deste estudo é analisar os sentidos de inclusão escolar

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

expressos nas narrativas PechaKucha de licenciandos em Matemática, considerando as permanências históricas nas concepções de deficiência. O artigo discute a inclusão escolar na formação inicial de professores de Matemática; aborda a PechaKucha como mediação formativa e analisa as narrativas dos licenciandos sobre inclusão escolar.

2 INCLUSÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Embora reconhecida como direito, a inclusão escolar ainda enfrenta disputas e barreiras institucionais. Santos (2024), evidencia essa tensão entre a escolarização anunciada para todos e uma cultura escolar homogeneizadora, que persiste em estabelecer expectativas uniformes de participação e aprendizagem. A questão que daí emerge não se restringe a garantir a presença dos estudantes, mas envolve problematizar as condições concretas e as relações educativas que fazem da escola, efetivamente, um lugar de todos.

A trajetória da Educação Especial, frequentemente organizada em torno dos paradigmas da exclusão, segregação, integração e inclusão, oferece um repertório indispensável à formação inicial docente. Entretanto, narrá-la como passagem automática de um paradigma a outro pode produzir a impressão de que as práticas excludentes pertencem exclusivamente ao passado.

Ao problematizar as representações da diferença e as imagens do outro nos discursos educacionais, Carlos Skliar (2003a) ajuda a questionar essa linearidade: a renovação das palavras e das políticas pode coexistir com modos persistentes de classificar, hierarquizar e normalizar. Trata-se, portanto, de perguntar quais marcas de integração e segregação permanecem no cotidiano de instituições que já se apresentam como inclusivas.

A dissertação de Santos (2024) explicita essa tensão ao definir a educação inclusiva como paradigma político, educacional e cultural e a inclusão escolar como transformação do sistema educacional orientada pelo direito à participação e à aprendizagem. Ao distinguir a amplitude da educação inclusiva das questões específicas que atravessam a escolarização de estudantes atendidos pela Educação

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

Especial, o estudo também adverte para os riscos de reduzir a inclusão a matrículas ou a medidas destinadas a um grupo previamente delimitado.

Esse entendimento interessa diretamente às licenciaturas: formar para incluir demanda compreender diferenças entre acesso, permanência, participação, aprendizagem e pertencimento, sem converter essas dimensões em etapas independentes ou em promessas abstratas.

A formação inicial constitui um espaço particularmente relevante para examinar como essas concepções são aprendidas, reiteradas e questionadas. Os licenciandos ingressam nos cursos carregando memórias da própria escolarização, experiências sociais e referências culturais que influenciam suas expectativas sobre capacidade, deficiência e desempenho. A formação não começa em uma posição neutra: ela encontra modos já instituídos de nomear o outro, de explicar dificuldades e de atribuir responsabilidades pelo sucesso ou fracasso escolar.

Para Skliar (2003a), a questão da alteridade desloca a atenção da descrição exaustiva daquele considerado diferente para a relação que estabelecemos com ele. Assim, o desafio formativo não se esgota em conhecer características dos estudantes; exige interrogar o olhar que as transforma em medida de suas possibilidades. Essa perspectiva também permite examinar os limites de uma inclusão apresentada exclusivamente sob os termos da aceitação, da tolerância ou do acolhimento. Embora o respeito seja indispensável à convivência, a presença do outro pode continuar condicionada à adaptação a regras que nunca foram postas em discussão.

Uma das dimensões formativas deve ser, além de pensarmos como receber alguém na instituição, e se amplia sobre o que precisa mudar nas relações, nos currículos e nos critérios de participação quando diferentes modos de existir passam a ser reconhecidos na composição da vida escolar. A alteridade, aqui, não é um atributo de um grupo: é uma exigência ética de revisão das posições que assumimos diante do outro.

Sandra Mara Corazza contribui para ampliar essa problematização ao deslocar o próprio conceito de professor. Em "O docente da diferença", Corazza (2009) recusa a ideia de uma identidade docente acabada e compreende a docência em termos de

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

individuação, multiplicidade e devir. Seu conceito de ensinartistar enfatiza possibilidades de experimentação e criação que não cabem inteiramente em funções fixas ou em prescrições didáticas. Aproximar essa formulação da formação inclusiva permite compreender que o desafio não é formar um profissional munido de respostas definitivas para cada categoria de estudante, mas favorecer uma docência capaz de estudar, decidir, compor apoios, rever estratégias e criar condições pedagógicas diante da singularidade dos encontros.

A leitura de Corazza (2009) não propõe substituir o planejamento pela improvisação: a invenção docente é um trabalho situado, que exige conhecimentos, responsabilidade e condições de atuação. Santos (2024) também destaca que práticas inclusivas requerem fundamentação teórica, planejamento, recursos diversificados e atenção às singularidades. Assim, é necessário rever tanto a compreensão do estudante quanto as decisões que condicionam suas oportunidades de aprendizagem.

No âmbito da Licenciatura em Matemática, tal discussão assume especificidade. A Matemática escolar é frequentemente associada à rapidez, à exatidão das respostas e a trajetórias padronizadas de resolução, concepções que podem estreitar o reconhecimento de diferentes modos de raciocinar, representar e comunicar conhecimentos. A formação inclusiva precisa problematizar essas expectativas sem renunciar ao ensino de conhecimentos matemáticos socialmente relevantes.

Situamos a Educação Matemática Inclusiva na articulação entre acesso ao currículo, participação e aprendizagem, propondo que as formas de ensinar sejam examinadas em função das possibilidades concretas que oferecem aos estudantes. A diferença, nessa direção, não constitui argumento para reduzir expectativas de aprendizagem, mas convoca decisões pedagógicas que evitem confundir uniformidade de procedimentos com igualdade de direitos.

A formação não deve se limitar à transmissão de orientações. Na pesquisa-ação colaborativa realizada em 2023 com 28 licenciandos, Santos (2024) organizou quatro episódios formativos em dois movimentos: ambientação, dedicada aos

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

fundamentos da Educação Especial e Inclusiva, e imersão, voltada ao planejamento em Matemática. A proposta reconheceu os licenciandos como participantes da construção do conhecimento e partiu da problematização, embora seus resultados gerais não possam ser atribuídos automaticamente a cada atividade.

No Episódio Formativo I, orientado pela pergunta “O que é inclusão escolar?”, os estudantes revisitaram paradigmas históricos e produziram apresentações PechaKucha em dez grupos. As narrativas mobilizaram linhas do tempo, marcos legais e referências culturais, como animes, filmes, séries e histórias em quadrinhos, abordando deficiência e pertencimento (Santos, 2024). Esses repertórios revelam diferentes formas de significar a inclusão, mas a escolha de uma obra, por si só, não define a concepção do grupo: é preciso considerar como os acontecimentos foram organizados e interpretados.

A articulação entre formação inicial e narrativa ganha densidade quando os licenciandos constroem coletivamente respostas à pergunta “O que é inclusão escolar?”. Ao selecionar acontecimentos e referências culturais, tornam visíveis interpretações sobre a diferença. Inspirados em Skliar (2003), analisamos se o outro é representado como objeto de cuidado, classificação ou superação, ou se a narrativa questiona sua presença e as relações escolares. Com Corazza (2009), perguntamos que modos de docência essas produções permitem pensar.

As PechaKuchas não são tomadas como evidências de mudança nas concepções individuais, pois constituem produções coletivas e situadas. Sua relevância está em permitir examinar permanências e deslocamentos nos sentidos de inclusão mobilizados durante a formação. A experiência de Santos (2024) também destaca a importância de abordar a história da Educação Especial e a diferença como dimensões centrais da formação de professores de Matemática. Esse referencial orienta a análise das narrativas PechaKucha, apresentada a seguir, com atenção aos sentidos de inclusão escolar construídos pelos grupos.

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

2.1 PECHAKUCHA COMO GÊNERO DISCURSIVO MULTISSEMIÓTICO NA FORMAÇÃO DOCENTE

A produção de narrativas na formação inicial de professores constitui uma possibilidade de mobilizar conhecimentos, experiências e interpretações sobre questões que atravessam a educação. Entre as diferentes formas de expressão utilizadas nesse processo, a PechaKucha articula síntese conceitual, autoria e construção de sentidos por meio de linguagens diversas. Sua utilização ultrapassa a finalidade de apresentar informações: exige escolhas sobre o que narrar, como organizar acontecimentos e quais representações mobilizar. Neste estudo, interessa compreendê-la como produção discursiva e multissemiótica por meio da qual licenciandos em Matemática elaboraram narrativas em resposta à questão "O que é inclusão escolar?".

Originalmente concebida em 2003, no Japão, por Astrid Klein e Mark Dytham, a PechaKucha caracteriza-se pelo formato 20 × 20: vinte slides projetados durante vinte segundos cada, totalizando seis minutos e quarenta segundos. A delimitação temporal exige seleção de informações, organização da sequência argumentativa e articulação entre recursos verbais e visuais (Medeiros, 2021). No campo educacional, porém, sua compreensão demanda ultrapassar as características formais e reconhecer possibilidades de elaboração, interpretação e comunicação de conhecimentos (Vasconcelos; Santos; Santos, 2023).

Ao investigarem o gênero em contextos acadêmicos, Beltrán-Palanques e Querol-Julián (2024) evidenciam a complexidade de sua organização discursiva, particularmente a relação entre exposição oral e recursos visuais. As apresentações estudadas revelam movimentos retóricos de abertura, desenvolvimento e encerramento, bem como formas distintas de distribuir informações entre modalidades semióticas. A sequência visual integra a organização do discurso, não constituindo mero adorno à comunicação verbal.

Na abordagem de Vasconcelos, Santos e Santos (2023), a PechaKucha pode ser compreendida como gênero discursivo dialógico, constituído por diferentes linguagens e pelas relações entre produtores e interlocutores. A autoria envolve

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

escolher fontes, selecionar conceitos, reelaborar argumentos e construir uma comunicação dirigida a outros sujeitos. Assim, a apresentação constitui ocasião de posicionamento frente ao tema e de partilha pública dos sentidos elaborados.

Esse movimento ganha importância na formação inicial de professores, pois os licenciandos articulam estudo, interpretação e comunicação de conhecimentos. Ao escolher imagens e organizar argumentos, mobilizam referências acadêmicas, experiências e repertórios culturais. Vasconcelos, Rocha e Ferreira (2025), em estudo sobre leitura dialógica e PechaKucha na formação docente, destacam autoria, participação e construção colaborativa de sentidos, fortalecendo a compreensão da formação como espaço de interlocução e elaboração compartilhada.

Nas produções coletivas, a dimensão autoral resulta de escolhas negociadas e não se reduz às concepções individuais dos participantes. O caráter colaborativo permite compreender a PechaKucha como mediação formativa, na qual a pergunta proposta pelo professor, a investigação, a composição narrativa e a socialização dos trabalhos compõem um percurso de produção de sentidos. A mediação não reside exclusivamente na ferramenta, mas na intencionalidade pedagógica e nas relações de estudo e debate que a sustentam.

A articulação entre linguagens incorpora repertórios culturais como filmes, animações, séries, histórias em quadrinhos, fotografias e acontecimentos históricos. Essas referências, entretanto, não possuem significados unívocos: um personagem pode ser utilizado para contestar estereótipos ou reiterar representações de excepcionalidade; uma cronologia pode revelar permanências da exclusão ou sugerir uma superação definitiva dos paradigmas anteriores. É necessário observar os sentidos atribuídos às escolhas no interior de cada narrativa.

Essa compreensão dialoga com Skliar (2003a; 2003b), sobretudo quando a linguagem participa da construção de imagens do outro. Ao problematizar diferença e alteridade, o autor permite indagar como os sujeitos são nomeados, classificados e posicionados nas relações educativas. Nas apresentações sobre deficiência e inclusão escolar, interessa investigar quais representações da normalidade, do

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

reconhecimento e do pertencimento circulam nas relações entre palavras, imagens e personagens.

3 METODOLOGIA

Este artigo apresenta um recorte qualitativo, de natureza documental e interpretativa, de uma pesquisa-ação colaborativa desenvolvida no âmbito da formação inicial de professores de Matemática. Seu objeto são os sentidos de inclusão escolar produzidos em dez apresentações PechaKucha, elaboradas coletivamente por licenciandos durante o primeiro episódio do percurso formativo "Formar para incluir".

O estudo original foi conduzido por Santos (2024), realizado em 2023 com 28 licenciandos em Matemática de um instituto federal, articulou Educação Matemática Inclusiva e DUA no componente Metodologia Aplicada à Educação Matemática na Educação Inclusiva. Organizada em dez grupos, a intervenção envolveu ambientação teórica e imersão no planejamento pedagógico. Neste artigo, o recorte concentra-se na análise das narrativas produzidas pelos estudantes sobre inclusão escolar, sem avaliar globalmente a intervenção ou as tecnologias utilizadas.

A intervenção foi organizada em quatro episódios, articulados por questões problematizadoras e produções coletivas. O Episódio I discutiu a história da inclusão e os paradigmas da deficiência, com produção de PechaKuchas. O Episódio II abordou políticas e conceitos da Educação Especial e Inclusiva, por meio de infográficos. O Episódio III tratou de currículo e práticas inclusivas, com produção de podcasts. O Episódio IV articulou Educação Matemática Inclusiva e DUA, propondo planejamentos acessíveis e cartas pedagógicas.

O corpus deste artigo restringe-se às dez PechaKuchas do Episódio I, respostas coletivas à mesma questão orientadora. A delimitação possibilita investigar as representações da deficiência e da diferença, sem inferir mudanças individuais de atitudes ou efeitos da intervenção não demonstrados pelos materiais.

O primeiro episódio desenvolveu-se a partir da aula "Inclusão/Exclusão escolar e os(as) alunos(as) elegíveis à educação especial: pressupostos conceituais". A

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

proposta formativa convidou os licenciandos a examinar os modos historicamente construídos de compreender e tratar as pessoas com deficiência, relacionando as categorias de exclusão, segregação, integração e inclusão às experiências educacionais e sociais. A questão "O que é inclusão escolar?" assumiu, nesse contexto, a função de problema mobilizador: mais do que solicitar uma definição, provocou a seleção de acontecimentos, discursos e exemplos por meio dos quais os grupos poderiam tornar comunicáveis suas leituras do tema.

Como mediação pedagógica, adotou-se a PechaKucha, gênero discursivo multissemiótico que articula oralidade, escrita e imagens em uma apresentação sintética. Sua estrutura convencional corresponde a 20 slides, exibidos automaticamente por 20 segundos cada, perfazendo 6 minutos e 40 segundos. A necessidade de selecionar e ordenar informações impõe decisões sobre o que narrar, quais imagens mobilizar, que conceitos aproximar e que relações estabelecer entre acontecimentos históricos e situações contemporâneas. Nesse sentido, o interesse do presente estudo não recai sobre o domínio instrumental da ferramenta, mas sobre seu emprego como condição de elaboração, circulação e discussão de sentidos de inclusão escolar.

O trabalho foi realizado nos dez Grupos de Estudo, em um processo acompanhado pelo professor-pesquisador, envolvendo planejamento, elaboração, desenvolvimento, apresentação e discussão das produções. Conforme a dissertação, os grupos utilizaram PowerPoint para compor as apresentações; as versões dos arquivos e os registros audiovisuais foram exibidos em sala e disponibilizados em mural virtual Padlet. A organização coletiva e a socialização das produções conferiram ao episódio uma dimensão dialógica: cada grupo precisou construir uma posição comunicável sobre a inclusão, enquanto o compartilhamento abria espaço para o contato com repertórios e interpretações distintos.

As escolhas temáticas registradas na dissertação revelam a amplitude desse repertório. Algumas produções reconstruíram a história da deficiência por linhas do tempo e marcos normativos; outras recorreram a personagens e narrativas da cultura audiovisual, como o anime "A Voz do Silêncio", produções cinematográficas com

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

super-heróis, “The Good Doctor”, “Uma Advogada Extraordinária”, “Um Lugar Silencioso” e personagens da Turma da Mônica. Também emergiram discussões sobre bullying, autismo, surdez, modelo social da deficiência, questões étnico-raciais e a interrogação “Escola democrática para quem?”. Esses elementos não são interpretados antecipadamente como indicadores de determinada concepção: constituem pistas para investigar como os grupos relacionaram representações culturais, processos históricos e experiências de reconhecimento ou exclusão.

Realizamos uma análise temática de conteúdo, orientada pelos procedimentos de Bardin (2016), articulada a uma leitura interpretativa das relações entre enunciados, imagens e repertórios culturais. Inicialmente, foi realizada a leitura e visualização integral de cada apresentação, acompanhada de registros descritivos. Em seguida, foram delimitadas unidades de registro referentes às concepções de deficiência e inclusão, aos paradigmas históricos, às barreiras, à participação e à aprendizagem. As unidades foram aproximadas por convergências, contrastes e singularidades, com atenção às contradições internas de cada narrativa, evitando classificações apriorísticas.

Para a leitura documental realizada, adotaram-se dois eixos interpretativos: (1) “Permanências e deslocamentos nas narrativas históricas”, relativo às formas de reconstruir a exclusão, a segregação, a integração e a inclusão, bem como suas possíveis continuidades; e (2) “O que é incluir?”, relativo aos sentidos de reconhecimento, direito, pertencimento, participação, aprendizagem e transformação da escola. A escrita dos resultados apresenta excertos e descrições visuais situados, permitindo ao leitor acompanhar a relação entre evidências, interpretações e diálogo teórico. Os principais resultados são apresentados a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise documental das dez produções PechaKucha elaboradas pelos licenciandos em Matemática no Episódio Formativo I permitiu mapear diferentes maneiras de narrar a história da deficiência e formular questões sobre inclusão escolar. O repertório reunido articula acontecimentos históricos, marcos legais e

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

referências culturais em resposta à pergunta "O que é inclusão escolar?". A discussão está organizada em dois eixos interpretativos: (a) permanências e deslocamentos nas narrativas históricas; e (b) sentidos e tensões sobre o ato de incluir. Esses eixos orientam a leitura dos conteúdos e dos recortes visuais disponíveis, sem confundir a interpretação documental com a identificação conclusiva das posições assumidas por cada grupo.

Quadro 1 – Mapeamento documental das dez produções do Episódio I.

Grupo	Conteúdo descrito na pesquisa originária	Questão interpretativa proposta
GEA	A Voz do Silêncio; surdez, bullying, integração e inclusão	Violência entre pares e reconhecimento
GEB	História da deficiência e modelo social	Explicações individuais e sociais da deficiência
GEC	Linha do tempo "Inclusão e PCD: um flashback"	Linearidade e continuidades históricas
GED	Cinema; deficiência, sexualidade e relações étnico-raciais	Representação e cruzamento de diferenças
GEE	Autismo, deficiência intelectual, APAE/AMA e The Good Doctor	Institucionalização e imagens públicas da deficiência
GEF	"Somos todos iguais na diferença"; paradigmas e legislação	Igualdade, direitos e reconhecimento
GEG	Um Lugar Silencioso; adaptação, integração e inclusão	Atribuição da responsabilidade de adaptação
GEH	Uma Advogada Extraordinária; autismo e diferenças	Expectativas, pertencimento e excepcionalidade
GEI	Turma da Mônica; deficiência e quatro paradigmas	Representações culturais e historicidade
GEJ	História da loucura; "Escola democrática para quem?"	Normalização, segregação e direito à escola

Fonte: elaboração analítica com base no inventário dos grupos apresentado por Santos (2024, Tabela 6, p. 113–115).

O Quadro 1 sistematiza os conteúdos apresentados pelos dez grupos e as questões interpretativas suscitadas pelo mapeamento documental. Filmes, séries, histórias em quadrinhos, linhas do tempo e referências normativas são mobilizados para tratar dos paradigmas da exclusão, segregação, integração e inclusão, além de temas como surdez, autismo, violência entre pares, reconhecimento e direitos. Trata-se de um repertório heterogêneo, no qual as representações da diferença circulam entre discursos históricos, produções culturais e questões educacionais.

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

Duas tensões atravessam o conjunto: a persistência de explicações e representações da deficiência construídas historicamente e a exigência de examinar as condições efetivas da inclusão na escola. A classificação das produções por temas, contudo, não equivale à atribuição de uma concepção única a cada grupo; os sentidos dependem das relações entre imagens, enunciados e escolhas narrativas.

A seguir, as categorias articulam evidências documentais, exemplos visuais e discussão teórica. A primeira focaliza a historicidade das concepções da deficiência; a segunda, as responsabilidades escolares pela participação e pela aprendizagem.

4.1 PERMANÊNCIAS E DESLOCAMENTOS NAS NARRATIVAS HISTÓRICAS

As produções GEB, GEC, GEF e GEI retomam os paradigmas históricos da Educação Especial por diferentes linguagens, enquanto o GEJ incorpora a história da loucura e a pergunta “Escola democrática: para quem?”. Em conjunto, esses materiais permitem discutir como diferentes sociedades classificaram, isolaram, integraram e reconheceram pessoas com deficiência, sem pressupor uma substituição linear e definitiva entre os paradigmas.

A linha do tempo “Inclusão e PCD: um flashback”, do GEC, organiza acontecimentos e marcos dos direitos das pessoas com deficiência. Já a pergunta mobilizada pelo GEJ põe em discussão os limites da participação em instituições que se apresentam como democráticas. A aproximação entre essas escolhas torna produtiva uma questão: a ampliação do reconhecimento jurídico corresponde, necessariamente, à transformação das práticas escolares? A documentação permite formular esse problema, mas a resposta de cada grupo exige o exame integral de sua narrativa.

Um aspecto relevante desse conjunto documental diz respeito ao lugar atribuído aos acontecimentos históricos na construção das narrativas. Ao selecionar episódios de exclusão, experiências de institucionalização e conquistas de direitos, os grupos realizam escolhas que conferem visibilidade a determinadas experiências e deixam outras em segundo plano. Essa seleção merece atenção porque a história da

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

deficiência também é uma história das formas pelas quais a sociedade autorizou ou restringiu a presença de determinados sujeitos em seus espaços.

As produções do GEB, GEC e GEJ oferecem possibilidades distintas de examinar esse movimento, sobretudo quando aproximam explicações sobre a deficiência, acontecimentos históricos e questionamentos sobre a organização social. Analiticamente, interessa compreender se as pessoas com deficiência aparecem apenas como destinatárias de decisões institucionais ou também como sujeitos implicados nas lutas e transformações que possibilitaram a afirmação de seus direitos.

O modelo social da deficiência, identificado no repertório do GEB, oferece outra chave de leitura. Seu enfoque permite problematizar explicações centradas apenas nos impedimentos individuais e considerar barreiras socialmente produzidas. Em diálogo com Skliar (2003a; 2003b), a discussão histórica desloca-se, assim, da simples descrição do "diferente" para os modos como relações sociais e escolares definem quem pode participar e aprender.

Figura 1: Imagens de Pechakuchas produzidas pelos licenciandos.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

As referências à Turma da Mônica e às produções audiovisuais também mostram que a história da deficiência não é narrada exclusivamente por documentos legais: imagens e personagens difundem expectativas de capacidade, autonomia ou excepcionalidade. Essas representações podem alimentar estereótipos ou abrir espaços de crítica, dependendo dos enunciados com que são articuladas. A Figura 1 torna visível esse repertório e evidencia sua pertinência como objeto de leitura formativa.

A presença de personagens de histórias em quadrinhos, animações e séries televisivas também permite reconhecer que os sentidos de deficiência circulam para além dos discursos especializados e das instituições educacionais. Essas produções culturais participam da construção de imagens socialmente compartilhadas sobre capacidade, autonomia, dependência e pertencimento. A aproximação entre personagens ficcionais e paradigmas históricos constitui uma escolha narrativa que merece investigação: ao relacionar histórias conhecidas com conceitos discutidos na formação, os licenciandos colocam em circulação diferentes modos de representar as experiências das pessoas com deficiência. Compreender essas relações exige observar quais características dos personagens são destacadas, quais conflitos recebem centralidade e como tais referências são articuladas às questões educacionais. Essa perspectiva, em diálogo com Skliar (2003a), permite examinar a produção da diferença nas representações, e não somente sua identificação nos sujeitos representados.

A primeira categoria evidencia, portanto, a importância de estudar as permanências de práticas excludentes na contemporaneidade. Com Corazza (2009), essa historicização pode ser relacionada a uma docência que revê suas certezas e inventa alternativas, sem substituir o planejamento por improvisação. O deslocamento aqui discutido é uma possibilidade analítica: da deficiência tomada como problema individual à problematização das condições sociais e pedagógicas que produzem desigualdades.

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

4.2 O QUE É INCLUIR? SENTIDOS E TENSÕES NAS NARRATIVAS SOBRE INCLUSÃO ESCOLAR

A segunda categoria reúne questões ligadas ao reconhecimento, à convivência, à adaptação, ao pertencimento e ao direito de aprender. As produções recorrem a conflitos entre pares, personagens de obras audiovisuais e situações escolares para discutir o que significa incluir. O conjunto convida a diferenciar a presença física de condições efetivas de participação, sem presumir que todos os grupos tenham atribuído o mesmo sentido a essa distinção.

No GEA, a referência a A Voz do Silêncio aproxima surdez, bullying e reconhecimento. Esse recorte possibilita discutir a violência entre pares como barreira à participação e ao pertencimento. Entretanto, o respeito interpessoal, embora indispensável, não esgota a inclusão: também precisam ser interrogadas as condições de comunicação, acesso curricular e aprendizagem. Com Skliar (2003b), a reflexão alcança as relações que a escola estabelece com o outro, para além de sua aceitação formal.

O GEG, ao mobilizar Um Lugar Silencioso, introduz a tensão entre integração e inclusão por meio do tema da adaptação. Na lógica integracionista, a responsabilidade pelo ajuste tende a recair sobre o estudante; na perspectiva inclusiva, cabe problematizar as barreiras constituídas pela própria organização escolar. O interesse analítico reside em acompanhar como essa responsabilidade é representada, evitando atribuir conclusões à produção antes do exame de todos os enunciados.

As referências a The Good Doctor (GEE) e Uma Advogada Extraordinária (GEH) permitem indagar como o autismo e a deficiência são representados nas narrativas culturais. Há, nesse repertório, espaço para discutir autonomia, expectativas de desempenho e o risco de condicionar o reconhecimento a habilidades excepcionais. Esses temas constituem questões de leitura dos materiais; sua efetiva sustentação nas posições dos licenciandos requer a análise das sequências audiovisuais.

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

As referências ao autismo e à deficiência intelectual presentes nas produções do GEE e do GEH permitem acrescentar outra questão à análise: quais experiências são utilizadas socialmente para representar as possibilidades de aprendizagem e participação das pessoas com deficiência? A presença de personagens com trajetórias singulares pode contribuir para ampliar a visibilidade de experiências frequentemente desconhecidas, mas também suscita reflexões sobre os critérios pelos quais determinadas capacidades passam a ser reconhecidas.

Interessa, nesse sentido, examinar se o reconhecimento da pessoa com deficiência aparece associado a características consideradas extraordinárias ou se contempla experiências cotidianas, formas diversas de comunicação e diferentes maneiras de construir conhecimentos. Para a formação de professores de Matemática, essa problematização assume particular relevância, pois permite interrogar expectativas de desempenho que frequentemente condicionam o reconhecimento das possibilidades de aprender.

Figura 2: Imagens de Pechakuchas produzidas pelos licenciandos sobre Inclusão escolar.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

A Figura 2 aproxima três situações escolares: uma turma em atividade coletiva, uma professora mediando a produção de uma criança com deficiência e um estudante em cadeira de rodas observando outras crianças brincarem. As perguntas “Escola democrática: para quem?” e “A escola educa para incluir?” reforçam o caráter problematizador dessas composições e convidam a examinar a relação entre convivência, acessibilidade e participação.

A composição visual das situações escolares apresentadas na Figura 2 oferece ainda uma possibilidade de leitura sobre os lugares ocupados pelos estudantes nas experiências coletivas. A distinção entre observar uma atividade e participar de sua realização permite examinar como os espaços, os materiais e as interações podem favorecer ou limitar o envolvimento dos sujeitos. A imagem de uma criança que acompanha uma brincadeira sem integrar sua dinâmica, por exemplo, suscita questões sobre as condições de acessibilidade e sobre os modos como as atividades são organizadas para diferentes participantes. Essa representação também convida a ampliar a compreensão de participação, considerando que ela pode assumir diferentes formas de expressão, interação e envolvimento, sem exigir comportamentos idênticos entre os estudantes. Assim, a análise desloca-se da identificação de quem está presente para a investigação das oportunidades efetivamente oferecidas nas experiências escolares compartilhadas.

Especialmente na cena em que o estudante observa a brincadeira sem integrar a atividade representada, a imagem permite distinguir estar presente de participar efetivamente. Já a mediação pedagógica individualizada abre questões sobre apoios ao aprender e sua articulação com experiências coletivas da turma. Essas leituras dizem respeito às possibilidades interpretativas das imagens, não a afirmações sobre experiências reais dos estudantes retratados.

No âmbito da Educação Matemática Inclusiva, Santos (2024) vincula acesso ao currículo, planejamento, participação e aprendizagem. A interpretação das figuras pode ser aproximada desse referencial para indagar quais decisões docentes criam oportunidades diversificadas de aprender Matemática sem reduzir os objetivos curriculares ou confundir igualdade de direitos com uniformidade de procedimentos.

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

O GEF, ao aproximar igualdade, paradigmas e legislação, oferece elementos para problematizar a distância entre o reconhecimento normativo e a concretização de direitos. A inclusão escolar, nessa perspectiva, implica responsabilidades pedagógicas e institucionais: disponibilizar apoios, enfrentar barreiras e garantir condições de aprendizagem. A menção aos direitos não permite concluir, por si, como o grupo interpretou sua efetividade.

O GED, ao reunir deficiência, sexualidade e relações étnico-raciais, amplia o campo da discussão e sugere a pertinência de examinar o cruzamento de diferenças nas experiências de escolarização. Esse enfoque impede que a análise restrinja a pessoa a uma classificação isolada, embora seja necessário recuperar os enunciados do grupo para identificar como tais relações foram desenvolvidas.

Em conjunto, as duas categorias evidenciam que as PechaKuchas constituem produções coletivas potencialmente férteis para questionar representações herdadas da história e as condições de participação na escola. A articulação entre repertórios culturais, marcos legais e imagens permite uma reflexão formativa sobre diferença, direitos e docência. Os achados aqui apresentados são documentais e interpretativos: não demonstram, isoladamente, mudanças nas concepções individuais dos licenciandos, cuja investigação exigiria evidências adicionais e análise integral das apresentações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou os sentidos de inclusão escolar mobilizados em dez narrativas PechaKucha produzidas coletivamente por licenciandos em Matemática. A análise considerou permanências e possíveis deslocamentos nas concepções históricas da deficiência e nas compreensões sobre diferença, participação e aprendizagem. As produções mobilizaram referências históricas, culturais e sociais, demonstrando que a inclusão pode ser discutida por diferentes linguagens e repertórios na formação docente.

A categoria "Permanências e deslocamentos nas narrativas históricas" mostrou como os grupos retomaram os paradigmas da exclusão, segregação, integração e

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

inclusão. Essa abordagem permitiu problematizar a permanência de práticas excludentes, mesmo diante dos avanços legais. A categoria "O que é incluir?" evidenciou tensões entre presença e participação, adaptação individual e transformação das condições escolares, além de questões relacionadas ao reconhecimento das diferenças, ao pertencimento e ao direito de aprender.

As produções também apontam o potencial da PechaKucha como gênero discursivo multissemiótico que articula palavras, imagens e outros repertórios culturais. Essa forma de produção pode favorecer a autoria, o diálogo e a problematização de representações historicamente construídas sobre a deficiência. Na formação inicial de professores de Matemática, oferece possibilidades para questionar concepções homogeneizadoras e refletir sobre práticas pedagógicas comprometidas com as diferenças e com a aprendizagem dos estudantes.

Esses resultados devem ser compreendidos à luz dos limites do estudo, que analisou produções coletivas de um único episódio formativo, realizado em contexto específico. Por isso, não permitem generalizações nem conclusões sobre mudanças individuais dos licenciandos ou efeitos da intervenção. A análise de outros episódios, bem como das interações orais e dos processos de elaboração das apresentações, poderá revelar novos sentidos, contradições e possíveis deslocamentos conceituais.

A pergunta "O que é inclusão escolar?" permanece aberta à reflexão. Incluir exige superar a garantia de presença, questionar as barreiras escolares e ampliar as condições de participação e aprendizagem. A formação inicial pode contribuir para práticas que reconheçam as diferenças e assumam a inclusão como compromisso ético, político e pedagógico.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELTRÁN-PALANQUES, Vicent; QUEROL-JULIÁN, Mercedes. The genre of PechaKucha presentations: analysis and implications for enhancing multimodal literacy at university. **English for Specific Purposes**, v. 75, p. 102-118, 2024. DOI: https://doi.org/10.1016/j.esp.2024.05.002.

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF, 2015. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

CORAZZA, Sandra Mara. O docente da diferença. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 1, n. 1, p. 91–110, 2009. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552156380008.

FERREIRA, Rodrigo Miranda; ROSA, Fernanda Malinosky Coelho da. Formação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental: compreensões sobre Matemática e práticas inclusivas. **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, 2024. https://doi.org/10.37001/ripem.v14i5.3778.

LIMA, Damião Michael Rodrigues de; LIMA, Francisco José de; SILVA, Roberta da. O componente curricular "educação inclusiva" na formação inicial de professores: um estudo de caso em um curso de licenciatura em matemática. **Educação Matemática Pesquisa**, v. 26, n. 1, p. 339–359, 2024. https://doi.org/10.23925/1983-3156.2024v26i1p339-359.

LUZ, Patrícia de Oliveira; SARDAGNA, Helena Venites. Educação inclusiva e a formação inicial de professores: o imperativo da inclusão e as (im)possibilidades na constituição dos modos de ser professor. **Revista Educação Especial**, 2025. https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/download/89838/67599.

PIN, Aline Keryn; SCHRENK, Maykon Jhonatan; VERTUAN, Rodolfo Eduardo. A Educação Matemática Inclusiva "que acontece": impressões de docentes em formação inicial acerca de observações realizadas em salas de aula da Educação Básica. **Paradigma**, 2024. https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2024.e2024007.id1378.

SANTOS, Rodiney Marcelo Braga dos. **"Formar para incluir"**: educação matemática em interface com o Desenho Universal para Aprendizagem. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2024.

SKLIAR, Carlos. Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.

SKLIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". Ponto de Vista, Florianópolis, n. 5, p. 37–49, 2003. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/download/1244/4251/15464.

VASCONCELOS, Tatiana Cristina; ROCHA, Sandra Silva de Vasconcelos; FERREIRA, Ricardo. Leitura dialógica e PechaKucha em práticas formativas de

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24288912**

professores. **Boletim de Conjuntura (BOCA**), v. 24, n. 72, 2025. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.18112084.

VASCONCELOS, Tatiana Cristina; SANTOS, Joselito; SANTOS, Rodiney Marcelo Braga dos. **PechaKucha**: um gênero discursivo dialógico no ensino superior. In: MARQUES, Fabio (org.). Práticas sociais de linguagem na sociedade contemporânea em rede. São Paulo: Editora Mentes Abertas, 2023. p. 100-120.

Recebido em 20/09/2026
Versão corrigida recebida em 20/10/2026
Aceito em 13/11/2026
Publicado online em 20/11/2026